

## A superação da dualidade interno/externo nas teorias fenomenológicas de Binswanger e Merleau-Ponty

Nelson Ernesto Coelho Junior

*Este trabalho pretende acompanhar e discutir as concepções de Merleau-Ponty sobre o espaço e sua relação com as idéias de Binswanger, principalmente aquelas expostas em Traum und Existenz (1930) e em Das Raumproblem in der Psychopathologie (1933). Pretende considerar também as conseqüências destas concepções para a superação da dualidade externo/interno.*

**Palavras-chave:** Psicopatologia fenomenológica, espacialidade, interno e externo

Escrever sobre um diálogo entre Merleau-Ponty e Binswanger não é tarefa sem riscos. Embora compartilhem de várias posições, a partir da fenomenologia, quanto às relações entre filosofia e ciência, não há coincidência em vários aspectos da forma como cada um ressignificou a herança filosófica em comum. As influências de Husserl e Heidegger, para dizer o mínimo, na formação e na obra de cada um dos dois se fez de maneira diferente e em algum momento até discordante. E há, é claro, o fato decisivo de Binswanger ser um psiquiatra, preocupado com o estado da arte de sua área e Merleau-Ponty ser propriamente um filósofo, o que faz com que tenhamos que considerar a especificidade de cada obra. De toda forma, é possível afirmar que, tanto para Binswanger como para Merleau-Ponty, as tensões entre o transcendental e o empírico ou, para colocar em outro plano, entre o ontológico e o ôntico, determinaram claramente a forma como procuraram explicitar as relações entre o campo da filosofia e o das ciências. Na investigação sobre o problema da espacialidade reencontraremos os dois autores defrontados com estas tensões.

Possivelmente, uma das maiores contribuições de uma fenomenologia da existência para o campo da psicologia e das práticas clínicas é a superação ou o ultrapassamento da dualidade externo/interno. Binswanger e Merleau-Ponty, cada um a sua maneira, contribuíram decisivamente para esta superação. Ambos, em suas investigações, buscaram encontrar a experiência originária do espaço, aquela do contato sensível de um corpo vivido com um mundo no qual ele se entrelaça. Procuraram traçar o caminho que reconduz à compreensão desta experiência originária do espaço, que é anterior, que está “atrás”, que é fundante com relação à experiência de um espaço realista ou empírico em suas expressões geográficas e geométricas. Recuperando concepções presentes em sonhos relatados na *Odisséia* de Homero, Binswanger (1930: 79) coloca-se diretamente a questão sobre a dualidade interno/externo: “Quem poderá decidir se há que se buscar aqui a verdade no interior da subjetividade ou no exterior da objetividade? Todo ‘interior’ é aqui ‘exterior’, como todo ‘exterior’ é também ‘interior’”.

A experiência do espaço, nossa relação com o meio, com o mundo, com os outros e com os objetos faz com que tenhamos as mais diferentes sen-

sações e experiências vividas. Estar sufocado ou arejado, aberto ou fechado, sentir-se em queda ou em elevação reflete estados de ânimo, mas reflete também formas de experiência da espacialidade ou de estruturação da experiência espacial. Não são experiências puramente subjetivas, nem puramente objetivas. Elas não se dão “dentro” do sujeito, mas também não ocorrem “fora”, no mundo. É neste sentido que Binswanger (1933: 343-344) afirma: “Não se deve perder de vista que o espaço (neste sentido bastante amplo) não pode ser encontrado ‘no sujeito’, nem no mundo...”

Muitas vezes nos quadros psicopatológicos que Binswanger tão bem soube descrever, o espaço deixa de ser familiar e seguro, lugar de acolhimento e morada, para se tornar estranho, perigoso e ameaçador. Mas que espaço é este? Existem muitos espaços ou o espaço é por definição um só, aquele que objetivamente me circunda, que eu apreendo através da visão e do pensamento como sendo o espaço orientado, o espaço do mundo natural?

O espaço é um e muitos ao mesmo tempo. Fenomenologicamente deparamo-nos com muitas variações e expressões da experiência da espacialidade. Porém, é possível afirmar que vivemos em um só e mesmo espaço. Mas este espaço precisa ser entendido como um espaço vivido. Espaço da experiência vivida em seu nível originário. Experiência da espacialidade que revela a forma de presença absolutamente originária. Habito o espaço, não o possuo, nem posso circunscrevê-lo. Neste espaço vivido não há dentro e fora, interno e externo. Há, se quisermos, expansão e retraimento, queda e elevação. Merleau-Ponty (1945) no capítulo “O espaço”, de seu livro *Phénoménologie de la perception*, investiga detidamente diferentes modalidades de experiência existencial da espacialidade como, por exemplo, o espaço do sonho, o espaço mítico e o espaço vivido por pacientes esquizofrênicos. Considera todos estes espaços como espaços tão “verdadeiros” como quaisquer outros. São diferentes formas de experiência de um espaço único. Merleau-Ponty equipara, em termos de verdade e realidade, a experiência mítica, a do sonho e a da percepção como experiências que confirmam que “aquele que vive algo, ao mesmo tempo sabe aquilo que vive” (Ibid.: 335). Estas experiências compõem o plano das experiências pré-reflexivas não reconhecidas pelo pensamento objetivo, mas que nem por isto deixam de existir.

Como se sabe, devemos a Merleau-Ponty uma primorosa análise fenomenológica da percepção do espaço, em que o pensamento de Binswanger aparece várias vezes confirmando e ilustrando uma determinada direção de análise. O espaço é um tema destacado na investigação que Merleau-Ponty realiza do mundo percebido, sendo considerado em sua dimensão propriamente existencial. Opondo esta dimensão à do espaço geométrico procura descrever, apoiado em Minkowski e Binswanger, mas também em Husserl e Heidegger, a espacialidade originária da existência. Assim, é à nossa experiência de um espaço vivido, e não àquela descrita pela psicologia

experimental empírica ou pela filosofia intelectualista, que Merleau-Ponty voltará seu foco de investigação.

Merleau-Ponty distingue o espaço objetivo daquele que ele denomina de existencial. Prosseguindo a análise geral sobre os estudos clássicos da percepção, realizada desde os primeiros tópicos da *Phénoménologie de la perception*, considera as definições da espacialidade propostas tanto pelo empirismo como pelo racionalismo. Estas duas teorias do conhecimento consideram exclusivamente o espaço objetivo, embora o façam por razões e de formas diferentes. No caso do empirismo, em resumo, pode-se dizer que o objeto é considerado no espaço, a partir de si mesmo, sem nenhuma relação com o sujeito. Já o racionalismo concebe o sujeito como pura racionalidade, desconsiderando seu enraizamento corporal; define, portanto, as relações do sujeito com o espaço a partir do pensamento e de sua capacidade judicativa e não a partir do contato primordial corpo-mundo. Merleau-Ponty, por sua vez, procura explicitar uma concepção fenomenológica da experiência da espacialidade que nos apresenta o espaço como um espaço existencial, um espaço vivido. A experiência da espacialidade deve ser compreendida a partir da experiência de um corpo próprio enraizado no mundo. A experiência da distância, por exemplo, que paradoxalmente me separa e me une às coisas e aos outros, ganha sentido não a partir de suas configurações geográficas ou geométricas, mas sim a partir de uma distância vivida. Assim, para Merleau-Ponty, a relação entre objetos no espaço está, desde o início, fundamentada em minha relação com as coisas, que não é linear e nunca é totalmente elucidada. Estar longe ou perto não é uma distância que possa ser medida em metros ou centímetros.

Também com relação ao tema da distância, Merleau-Ponty parece acompanhar de perto as posições de Binswanger. Como bem se referiu Foucault (1954), em sua introdução à tradução francesa de *Traum und Existenz*, quando comenta as distinções entre o espaço geográfico e o espaço vivido:

Antes de ser geométrico ou mesmo geográfico o espaço se apresenta como uma paisagem. (...) Por oposição ao espaço de referência geográfica, que é totalmente elucidado sob a forma de um plano geral, a paisagem é paradoxalmente fechada por sua abertura infinita ao horizonte. (p. 87-88)

Em sua leitura de Binswanger, Foucault reafirma que a partir de um espaço concebido como geográfico a distância é atravessada; já no espaço concebido como espaço vivido a distância é percorrida e há encruzilhadas, pontos de intersecção, linhas de fuga e não só uma travessia reta de um ponto a outro.

Mas o pensamento de Merleau-Ponty seguirá seu próprio caminho, nos dezesseis anos posteriores à publicação de sua magistral tese de doutorado.

O estudo sobre o problema da espacialidade iniciado na *Phénoménologie de la perception* terá continuidade, de certa forma, no Curso sobre o Conceito de Natu-

reza (1956-1957) no *Collège de France* (1995) através da análise de várias concepções filosóficas e científicas sobre o tema do espaço. Mas será em seus últimos textos, principalmente em *Le visible et l'invisible* (1964), que uma concepção mais radical sobre nossa relação com o espaço poderá ser apreendida. Nestas suas concepções finais será também aprofundada a superação da dualidade interno/externo. Se através da noção de corpo vivido o espaço já precisava ser definido de forma situacional e inter-relacional, abalando as concepções constituídas a partir da oposição rígida entre objetos externos e um sujeito interno, com a noção de carne (*chair*) é a própria idéia de exterioridade ou mesmo de espaço como ambiente (que se contraporia a um sujeito ou mesmo a um corpo), que será definitivamente questionada. Como afirmava Merleau-Ponty (1964: 323), em uma nota de trabalho de novembro de 1960: “Trata-se de criar um novo tipo de inteligibilidade (inteligibilidade através do mundo e do Ser tal e qual – “vertical” e não *horizontal*)”. Como se sabe, Merleau-Ponty, em seus últimos textos, procura retomar as concepções do “último” Husserl, o Husserl dos inéditos. Merleau-Ponty descrevia a fenomenologia presente nestes textos husserlianos como sendo “uma fenomenologia que desce a seu próprio subsolo”. No texto “Le philosophe et son ombre”, publicado em *Signes* (1960), ele ainda afirmava: “Desde as *Ideen II*, a reflexão husserliana evita o colóquio solitário do sujeito puro com as coisas puras. Procura o fundamental *abaixo*” (p.206). Subsolo, abaixo e “vertical”; e não mais uma perspectiva horizontal. Merleau-Ponty (1964: 184) procura encontrar o campo originário, fundante, aquele de sua ontologia do ser bruto, sua ontologia selvagem, que revela uma nova concepção, a da *carne*:

A carne não é matéria, não é espírito, não é substância. Seria preciso para designá-la, o velho termo “elemento”, no sentido em que era empregado para falar-se da água, do ar, da terra e do fogo, isto é, no sentido de uma *coisa geral*, meio caminho entre o sujeito espaço-temporal e a idéia, espécie de estilo encarnado que importa um estilo de ser em todos os lugares onde se encontra uma parcela sua. Neste sentido, a carne é um “elemento” do Ser.

Mas a noção de carne não abole a distância entre os corpos, nem as distância em meu próprio corpo. Não passamos a habitar um espaço sem distâncias, que revelaria uma posição filosófica monista, a partir de uma concepção que recusa as polaridades e as tensões. Merleau-Ponty afirma que se há reversibilidade entre um corpo que toca e algo que é tocado, esta reversibilidade é sempre iminente e nunca realizada de fato. “Minha mão esquerda está sempre em vias de tocar a direita no ato de tocar as coisas, mas nunca chego à coincidência” (Ibid.: 194). A oposição simétrica entre sujeito e objeto e as distâncias precisas do espaço geográfico e do espaço geométrico estão, no entanto, definitivamente perdidas, neste âmbito inaugural de nossa experiência sensível do espaço. Continuam a existir, mas como idéias que se apóiam e se instalam sobre este plano primordial da experiência sensível.

Em que medida seria possível relacionar estas concepções finais de Merleau-Ponty com as considerações de Binswanger sobre as noções de exterior e interior entre os gregos antigos, presentes em *Traum und Existenz*? Escreve Binswanger (1930: 80): “O indivíduo, a raça, o destino e a divindade estão entretrecidos aqui em um único espaço e, no entanto, é tão mais descritivo e instrutivo o fato de que também nesta esfera da existência, tão diferente da nossa, apareça com tanta clareza a estrutura ontológica da ascensão e da queda”.

Logo a seguir prossegue: “Em lugar de nosso ‘dentro’ e ‘fora’, oposição neoplatônica, cristã e romântica, aparece nos antigos gregos a contraposição entre o dia e a noite, a escuridão e a luz e entre a terra e o sol” (Ibid.). Acima de tudo devemos, aqui, reter a concepção binswangeriana de um espaço único em que se manifesta uma estrutura ontológica. Esta concepção se aproxima das proposições apresentadas por Merleau-Ponty em seus últimos textos. Há, apenas, uma diferença entre as idéias dos dois autores com relação ao plano ontológico: para um (Merleau-Ponty) o ontológico é imanente à experiência sensível, para o outro (Binswanger) é determinado por estruturas *a priori*.

Assim, é possível afirmar que existe uma aproximação entre as posições de Binswanger e as de Merleau-Ponty e ao mesmo tempo uma distância. Uma passagem de *Le visible et l'invisible* (1964: 153) talvez ajude a explicitar esta questão:

... o sensível está perante seus olhos como seu duplo ou extensão de sua carne. O espaço, o tempo das coisas, são farrapos dele próprio, de sua espacialização, de sua temporalização, não mais uma multiplicidade de indivíduos distribuídos sincrônica e diacronicamente, mas um relevo do simultâneo e do sucessivo, polpa espacial e temporal onde os indivíduos se formam por diferenciação.

A ontologia do ser bruto almejada por Merleau-Ponty ganha força. Uma ontologia que revela o ser a partir de sua experiência sensível original e que recusa qualquer estrutura *a priori* que a funde ou a determine. Plano ontológico e experiência sensível são imanentes. Binswanger, por outro lado, em *Traum und Existenz*, apresenta o eixo vertical da espacialidade, da ascensão e queda, como uma estrutura ontológica essencial que precede e determina cada experiência existencial particular do espaço. Neste aspecto é possível dizer que Merleau-Ponty se aproxima mais do pensamento heideggeriano, e que Binswanger está mais próximo do idealismo transcendental kantiano e dos momentos da obra de Husserl que revelam seu idealismo transcendental.

Apesar destas diferenças, quero enfatizar, por último, o esforço comum de Binswanger e Merleau-Ponty no sentido de apresentar uma concepção do espaço que, na tradição da fenomenologia, reafirma a superação da oposição interno/externo e nos oferece uma inegável ampliação das possibilidades de compreensão de nossa experiência da espacialidade.

**Referências bibliográficas**

- BINSWANGER, L. (1930). *Traum und Existenz*. Edição consultada: Ensueño y existencia. In BINSWANGER, L., *Artículos y conferencias escogidas*. Versión española Mariano Marin Casero. Madrid: Editorial Gredos, 1973.
- \_\_\_\_\_. (1933). *Das Raumproblem in der Psychopathologie*. Edição consultada: El problema del espacio en la psicopatología. In BINSWANGER, L. *Artículos y conferencias escogidas*, op. cit.
- FOUCAULT, M. Introduction. In BINSWANGER, L. *Le rêve et l'existence*. Paris: Éditions Desclée de Brouwer, 1954.
- MERLEAU-PONTY, M. *Phénoménologie de la perception*. Paris: Gallimard, 1945.
- \_\_\_\_\_. *Le philosophe et son ombre*. In *Signes*. Paris: Gallimard, 1960.
- \_\_\_\_\_. *Le visible et l'invisible*. Paris: Gallimard, 1964.
- \_\_\_\_\_. *La nature – notes Cours du Collège de France*. Paris: Seuil, 1995.

**Resumos**

*Este trabajo pretende acompañar y discutir las concepciones de Merleau-Ponty sobre el espacio y su relación com las ideas de Binswanger, principalmente aquellas expuestas en Traum und Existenz (1930) y en Das Raumproblem in der Psychopathologie (1933). Pretende considerar también las consecuencias de estas concepciones para la superación de la dualidad externo/interno.*

**Palabras llave:** Psicopatología fenomenologica, espacialidad, interno y externo

*Cette travail s'occupe et debattre les conceptions de Merleau-Ponty sur l'espace et sa relation avec les idées de Binswanger, notamment celles présentée dans Traum und Existenz (1930) et dans Das Raumproblem in der Psychopathologie (1933). Il considère aussi les conséquences de cetttes conceptions pour aller au delá du dualisme interne/externe.*

**Mots clés:** Psychopathologie phénoménologic, spatialité, interne et externe

*This article discusses Merleau-Ponty's conceptions of space and their relationships with Binswanger's ideas, especially those presented in Traum und Existenz (1930) and in Das Raumproblem in der Psychopathologie (1933). The article also presents considerations regarding the consequences of these conceptions for overcoming the duality between the external and the internal.*

**Key words:** Phenomenological psychotherapy, spatiality, internal and external

Versão inicial recebida em dezembro de 2000

Versão revisada recebida em abril de 2001